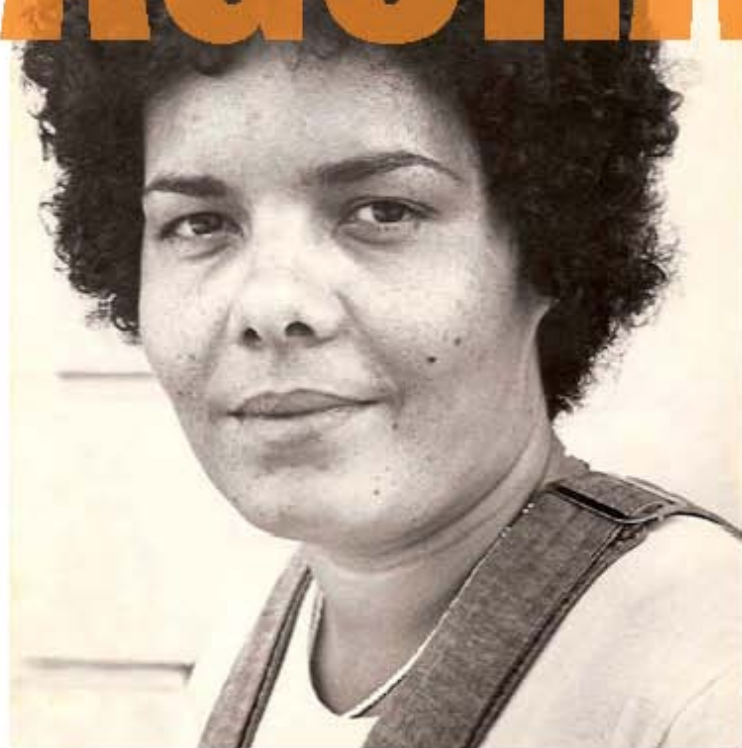


E AGORA?



ADÉLIA SAMPAIO

“PIONEIRISMOS” Assim, no plural, sendo a primeira mulher negra a dirigir um filme de longa-metragem no Brasil, em 1984, sobre uma temática ainda pouco abordada, o amor lésbico, e sem recursos públicos. Na época, você tinha ideia de que, com *Amor maldito*, se tornava vanguarda no país?

ADÉLIA SAMPAIO Toquei minha vida acreditando que seria capaz de realizar filmes e jamais, em tempo algum, desejei ser vanguarda. A síntese era simples – uma jovem pobre negra com sonhos de se debruçar em uma janela cinematográfica e, através dela, falar do que via, pensava e acreditava.

PORNOGRAFIA Com a dificuldade para a distribuição do filme, foi dada como solução uma “jogada” no cartaz para passar um caráter de pornografia. Para você, como foi tomar a decisão de aceitar e essa mudança de entendimento para que o filme fosse exibido?

Foi complicado, mas como o filme é resultado de crenças conjuntas e cooperativismo, fizemos uma discussão conjunta e concluímos que, se fosse dessa forma que iríamos conseguir mostrar nosso trabalho, iríamos aceitar. Aceitamos, e o crítico Leon Caloff conseguiu ver além e ressaltou o que de sério abordava o filme.



FOTOS: KERRY FESSON



FOTO: KERRY FESSON

FATOS REAIS *Amor maldito* conta a história do amor entre duas mulheres – a jovem executiva Fernanda Mala (Monique Lafond) e a ex-miss, filha de um pastor evangélico, Suely Oliveira (Wilma Dias) – e do suicídio de uma delas. Qual foi a sua preocupação ao lidar com uma história baseada em fatos reais, como construir e essa narrativa com cuidado, respeito e dignidade?

Acho que o cuidado, o respeito e a dignidade têm que prevalecer em qualquer tema que abordamos. Essa é a minha visão de mundo. Desenvolvi a sinopse e pedi ao meu amigo José Louzeiro para escrever o roteiro. Já havia decidido quem seriam os atores. Fizemos muitas rodadas de café na casa do Louzeiro para que, debruçados no processo, conseguíssemos reproduzir a violência do tribunal. Todas as falas dos advogados são reais, não foram escritas. Copiamos dos autos.

REDESCOBERTA A partir da pesquisa da professora Edileuza Souza e da divulgação das cineastas Renata Martins e Juliana Gonçalves, seu filme – e sua história – renasce. Como é a recepção do seu longa e de sua cinematografia hoje em dia?

Costumo dizer que me sentia uma velha vassoura abandonada no fundo de um armário. Edileuza abre

essa porta e me ilumina. Desde esse dia que não paro de apresentar o filme, debater o tema, visitar quilombos e comunidades negras. Por outro lado, me estremeço ao pensar que o filme tem 34 anos e que nada, ou quase nada, mudou. Isso é triste.

A ARCA Como foi a decisão de falar sobre o cinema de mulheres da Retomada no seu próximo curta-metragem? Gosto muito de ler a Bíblia e, lendo parábolas, me utilizo delas para mostrar que o cinema brasileiro no pós-Collor foi reacendido pelas mulheres, com filmes de sucesso de crítica e público. Ainda não rodei porque ando às voltas com o meu longa-metragem *A barca dos visitantes*, um período doído e sofrido de 1968 a 1970. O *storyboard* do *Arca* está pronto. Vamos ver.

SER MULHER, NEGRA E FAZER CINEMA Infelizmente, a realidade em 1984 não era tão diferente da de hoje. Como é ser mulher, ser negra e fazer cinema no Brasil?

Difícil, sofrido e muito triste. Tem horas que dá medo, mas um sopro de voz de minha mãe me faz ouvir: "Para cima do medo, coragem, filha!" E, assim, lá vou eu. Dedico-me a essas andanças e a encorajar meninas negras e brancas a seguir, ter coragem e avançar.